

D. Adriano: um bispo diocesano e um Movimento de Amigos (1966-1982)

Adriana da Silva Serafim¹

Nesse texto analisaremos o trabalho de D. Adriano Hypólito à frente da Diocese de Nova Iguaçu², localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro denominada Baixada Fluminense, (colocar nota explicando o que é uma DIOCESE) aspectos da relação entre a Igreja Católica e Estado no Brasil, na segunda metade do século XX. Nesse trabalho evidenciarei a convivência entre a Igreja de Nova Iguaçu, a organização política local – prefeitura e a mobilização popular (qualificar política), durante a repressão. O objetivo do texto é compreender o papel político desempenhado por D. Adriano Hypólito na relação construída entre a Diocese e o movimento social local.

Nesse texto privilegio a relação construída entre a Igreja de Nova Iguaçu e o Movimento Amigos de Bairro/ MAB, num recorte temporal entre os anos de 1966-1982. Consideramos que a atuação de D. Adriano pode contribuir para a compreensão da história recente da “Baixada Fluminense”³, em especial, do município de Nova Iguaçu.

¹ Mestranda do Programa de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

² A Diocese de Nova Iguaçu foi criada em 26 de março de 1960, pela bula *Quandoquidem Verbis*, de João XXIII, constituindo-se a partir do desmembramento das Dioceses de Barra do Pirai/Volta Redonda e de Petrópolis. Atualmente, a jurisdição eclesiástica de Nova Iguaçu comporta os municípios de Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nova Iguaçu (sede), Nilópolis, Paracambi, Queimados e do distrito de Conrado (Miguel Pereira).

³ Para conceito de Baixada Fluminense utilizo adotada por Alessandra Siqueira no artigo “Notícias de uma guerra: estratégias, ameaças e orações”, no qual, a configuração de região abrange 13 municípios – Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Itaguaí, Queimados, São João de Meriti, Magé e Guapimirim. Com uma população de mais de 3 milhões de habitantes, a Baixada tem como núcleo os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis e Nova Iguaçu – este último tendo sido historicamente desmembrado em quase todos os demais que hoje compõem a região, por meio das emancipações que tiveram início na década de 1940 (Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis); as últimas tendo ocorrido na década de 1990 (Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita).

A década de 60 traz importantes eventos que de alguma forma influenciam o cotidiano de Nova Iguaçu. Desde 1964, o Brasil era administrado pelas forças armadas, fruto do golpe civil-militar contra o presidente João Goulart. Na Igreja Católica o Concílio Vaticano II, 1962-1965, traz esperança de mudanças no sentido de modernizar a milenar instituição. Essa conjuntura desdobrou numa relação particular entre a Igreja do Brasil e o Estado, que resultou numa vasta bibliografia na década de 1980, Ralph De La Cava, Thomas Bruneau, ver referencia no texto de Jessie Jane.

O instrumental metodológico, de Carlo Ginzburg, em seu livro *O queijo e os vermes* (2006), ao apresentar importantes reflexões sobre a cultura popular no Europa pré-industrial, aponta interessantes questões para esse estudo. No prefácio à edição inglesa Ginzburg define o conceito de circularidade: “entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo.”⁴ Essa formulação me permite pensar sobre a atuação de D. Adriano Hipólito e sua opção político-pastoral à frente da Diocese de Nova Iguaçu, que, acolhe pessoas perseguidas pelo regime militar, incentiva os católicos na participação política e apóia iniciativas coletivas para melhoria dos serviços públicos. Esse fato nos leva a sugerir que pode ter sido forjada nesse período uma “cultura católica” peculiar na Diocese de Nova Iguaçu, que agrega no mesmo espaço de atuação leigos e esquerda marxista.

O estudo de Ginzburg, que trata de personagens desconhecidos das grandes sistematizações historiográficas indica, com a análise das experiências do moleiro Menochio como é representativo o estudo de trajetórias pessoais. Além disso, o autor salienta que um indivíduo como Menochio “pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico”⁵. Embora, D. Adriano seja um bispo, representante de uma instituição com uma história de longa duração como a Igreja Católica. Tal como Menochio, compreender os trajetos efetuados por D. Adriano contribui para compreender o microcosmo da cidade de Nova Iguaçu e

⁴ GINZBURG, C. 2006, p.10

⁵ GINZBURG, C. 2006, p.20

posteriormente inseri-lo na rede de indivíduos que naquele momento estão criando estratégias de organização civil para modificar a realidade vivida.

O texto de Christopher Hill, segundo instrumental metodológico, contribui para percebermos, no contexto da Revolução Inglesa, século XVII, “as tentativas de vários grupos, formados em meio à gente simples do povo, para imporem as suas próprias soluções aos problemas de seu tempo, em oposição aos propósitos dos seus melhores, que os haviam chamado a ingressar na ação política.”⁶ Salvo as diferenças de tempo e lugar, em Nova Iguaçu, D. Adriano, os católicos e militantes que formaram o MAB também são gente simples do povo tentando impor as suas próprias soluções aos problemas de seu tempo.

Segundo Christopher Hill, “na medida em que esta tentativa obtiver sucesso, terá algo a dizer não apenas sobre a história inglesa num período de excepcional liberdade, mas também sobre os períodos mais normais que os precederam ou sucederam – normais simplesmente porque ignoramos o que a gente comum pensava.”⁷ Ao contrario do período de total liberdade descrito por Hill, que compreende os anos de 1641 à 1660. A presente análise aborda o período de maior recrudescimento da ditadura civil-militar. Após a promulgação do Ato Institucional nº5/ AI-5, em 1968⁸.

Denominarei esse momento quando o MAB foi, no início da década de 1980, considerado um dos maiores movimentos sociais do Rio de Janeiro⁹, de “Revolta no interior da Revolução”, tal como os militares denominavam o golpe civil-militar de 1964. Porque na busca por melhorias nos serviços públicos “à gente simples” de Nova Iguaçu se organiza em associações de bairros e numa grande articulação faz mobilizações para impor ao poder local suas reivindicações.

Essa comparação me permitiria perguntar como foi possível que o MAB tivesse se organizado justamente no momento de recrudescimento da ditadura? Que elementos

⁶ Hill, C. 1987, p.30.

⁷ Idem, p.35.

⁸ Foi o quinto decreto emitido pelo governo militar, em dezembro de 1968, cujas determinações mais importantes foram: suspensão do hábeas corpus, proibição de manifestações populares de caráter político, impunha censura prévia a manifestações culturais.

⁹ Mainwaring, 1989,p.217.

contribuíram para provocar um impacto político tão inesperado em uma prefeitura que se caracterizava por ser um braço do regime ditatorial na “Baixada Fluminense?”

Para dialogar com o instrumental metodológico indicado acima, utilizarei como base um panorama histórico da diocese de Nova Iguaçu descrito nos textos *A Igreja Católica e o Movimento Popular: Nova Iguaçu – 1974/1985*, de Scott Mainwaring e *Ressurgimento do Movimento Amigos de Bairros em Nova Iguaçu - 1974/1981*, de Percival Tavares Silva.

Apresentamos uma breve biografia: Adriano Mandarino Hypolito¹⁰ nasceu em 1918, em Aracaju, Sergipe. Fez seus primeiros estudos em Aracaju e São Cristóvão (onde foi criado). Posteriormente estudou nos seminários franciscanos em: Salvador, na Bahia; João Pessoa, na Paraíba e Rio Negro, Paraná. Membro da Ordem dos Frades Menores, O.F.M., foi ordenado sacerdote em 18 de outubro de 1942. Foi enviado para Portugal em 1948, para estudar Literatura e pesquisar a história dos franciscanos no Brasil. Em 1951, volta para o trabalho de professor no Seminário Diocesano de Ipuarana-Lagoa Seca, em Campina Grande, na Paraíba. Exerceu, ao mesmo tempo, funções na sua ordem: definidor da Província, de 1952 a 1958, mestre dos clérigos e redator da revista “Mensageiro da Fé”, Visitador Geral da Província Franciscana da Imaculada Conceição, com sede em São Paulo, em 1961. Em 22 de novembro de 1962, o Papa João XXIII o indicou para bispo auxiliar da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Participa do Concílio Vaticano II¹¹, em Roma entre 1963- 1965, já ordenado bispo. Em 1966, toma posse como bispo da Diocese de Nova Iguaçu.

1- Uma revolta no interior do golpe?

2.1. Uma breve revisão da literatura sobre Igreja católica e política no Brasil

Nesse texto buscamos, também, contribuir na reflexão a cerca da pluralidade e complexidade da Igreja Católica no Brasil através da atuação de seus bispos, trazendo

¹⁰ Sobre D. Adriano: <http://domadriano.mitrani.org.br/vida.htm> acessado em 15 de novembro de 2010 e Boletim Diocesano nº162-163, jul/ago de 1982.

¹¹ O Concílio Vaticano II realizou-se em quatro sessões: 11 de outubro à 08 de dezembro de 1962, 21 de setembro à 04 de dezembro de 1963, 14 de setembro à 21 de novembro de 1964 e 14 de novembro à 08 de dezembro de 1965.

novas questões que podem incrementar o cenário instaurado por outros estudos. Segundo Jessie Jane, autora do livro sobre Círculos Operários, na historiografia sobre a Igreja Católica no Brasil predomina as grandes sínteses. De acordo com suas palavras:

“Na análise histórica acerca da Igreja Católica no Brasil tem predominado as grandes sínteses. A historiografia sobre a ação social desta instituição no período anterior ao Concílio Vaticano II – realizado em 1965 – é diminuta e pouco divulgada, e as análises dessa ação baseiam-se em uma interpretação patrimonial do período colonial, assinalando o caráter de permanente oposição entre Igreja e Estado. Porém, não uma oposição manifesta em forma de conflito explícito, mas um conflito latente que, nos dias atuais, assume contornos revolucionários (Cava, 1972; Bruneau, 1974; Alves, 1979; Mainwaring, 1989). O trabalho que melhor exemplifica tal abordagem é o de Thales Azevedo (1978), cujo enfoque está claramente evidente em seu título *Igreja e Estado em tensão e crise*.

Essa linha de pesquisa traça um perfil institucional complexo da Igreja e tenta periodizar sua história fundamentando-se nos papéis que desempenhou na sociedade brasileira após os anos 1950, quando se afirma como ator fundamental no processo de modernização da sociedade brasileira. É uma literatura que, segundo Thomas Bruneau, pretende retirar da Igreja Católica no Brasil o papel de *parente pobre* “da bibliografia historiográfica de nosso país. Situação tanto deplorável quanto se sabe que a história da Igreja Católica entre nós e a própria história em larga medida se confundem” (Bruneau, 1974, p.3)

Bruneau definiu muito bem o caráter inovador da produção teórica que pretende avaliar os papéis desempenhados pela Igreja na contemporaneidade, em sua condição de possuidora de objetivos específicos e com meios próprios para realizá-los. O pesquisador analisou o processo histórico da Igreja Católica no Brasil por um prisma institucional, tipo de análise que tem sido predominante nos diversos trabalhos sobre a história da Igreja na América Latina, tanto entre os autores institucionais, quanto entre os clássicos da sociologia da religião. São abordagens que tendem a uma reificação da noção institucional e deixam de perceber que os diferentes modelos de Igreja resultam em diversas concepções de interesses, existindo uma hierarquização dos mesmos. É com essa perspectiva que Mainwaring (op. Cit.) também constrói o seu problema, centrando-se na atuação da Igreja no plano político e não procurando entender, como o fazem Bruneau e Márcio Moreira Alves, de que forma esta participação ocorre na prática.”¹²

¹² SOUSA, 2002, p.23-24.

Sem abrir mão dos estudos citados acima, essa privilegiarei para Igreja Católica a abordagem de Roberto Romano¹³, que a analisa na condição de corpo místico político-teológico, portador de uma verdade transcendente. De acordo com o autor, a Igreja Católica se move no tempo histórico com um profundo sentido de permanência e atua no campo do político com uma lógica própria a seus objetivos de hegemonia no campo do transcendente. Ou seja, uma instituição multicelular dotada de uma coerência própria que não pode ser avaliada na conjuntura imediatista dos fatos.

As abordagens que assinalam um “conflito latente com contornos revolucionários”, sublinham a idéia de que estaria em curso uma ruptura da Igreja do Brasil com a Cúria romana. Como se os religiosos chamados progressistas, quisessem uma ruptura estrutural com a hierarquia. Mas quando levamos em consideração a condição de corpo místico essa idéia perde o sentido. Porque para esses bispos interessa estar em comunhão com a Igreja. Como se percebe na fala de D. Adriano Hypolito, quando indagado a caracterizar sua Diocese:

“Diocese nova, pobre, de Povo humilde e pobre, de Povo ordeiro e sofrido que em grande parte vem do interior, de regiões agrícolas e aqui procura sobreviver na indústria, na construção civil, nos biscates. Povo religioso, de uma religiosidade simples que vê na Igreja um sinal de esperança. Os problemas sociais da Baixada Fluminense condicionam naturalmente o trabalho da Igreja, são em certo sentido os problemas da Pastoral. Outra característica: a alta densidade demográfica. Segundo as estatísticas, nossos municípios da Baixada crescem uns 10% ao ano; o maior contingente provém da imigração. A Baixada foi sempre difamada e ignorada. Apesar disto oferece um contingente de pessoas valiosas, mesmo sendo pobres, ordeiras, trabalhadoras que orgulhariam qualquer sociedade. Lamentavelmente são muito precárias as estruturas sociais. O Povo não tem defesa nem segurança. Não tem representação correspondente ao seu valor. Creio que, graças as pessoas que amam a Baixada, a situação vai-se modificando para melhor”¹⁴

O trabalho pastoral, condicionado pelo “Povo”, é possíveis pela sua condição de bispo em unidade com toda hierarquia eclesiástica, conforme citação: “*Também deve*

¹³ Romano, R. 1979.

¹⁴ Boletim Diocesano 162/163 – jul/ago de 1982, entrevista pergunta 2.

*ficar bem claro que a minha função de bispo da Igreja Católica só tem sentido pleno dentro da unidade com o Papa, com o colégio episcopal, com o Povo de Deus.*¹⁵

2.2 – “Na Baixada: uma conversão profunda e pessoal”

Ressaltando que este pode ser caracterizado como “bispo progressista” de acordo com sua opção pastoral, que lhe trouxe bônus e ônus, como procuraremos constatar. Em outros trechos de entrevistas percebe-se na fala do bispo que o papel da Igreja é estar ao lado do povo para dar respostas aos seus anseios e ter uma prática “junto aos poderosos” distante da realidade. A seguir citamos D. Adriano falando de sua conversão ao chegar na Baixada, demonstrando como este acreditava nas pessoas que aqui viviam.

D. Adriano – “Toda minha vida de padre aconteceu num seminário menor durante 15 anos e num seminário maior durante dois anos, com uma permanência de três anos em Portugal fazendo investigações para a história dos franciscanos e da Igreja no Brasil. Eram atividades de professor e de educador, mas também de regente de coro. De repente sou nomeado bispo auxiliar da Bahia, onde fiquei perto de quatro anos.

*Em novembro de 1966, começam minhas atividades na Baixada Fluminense, como bispo diocesano de Nova Iguaçu. Com 14 anos consecutivos de Baixada, posso dizer que aqui me encontrei comigo mesmo e com minha vocação sacerdotal, que aqui passei por uma conversão profunda e pessoal, que, no contexto com o Povo sofrido e bom da Baixada, descobri a Igreja e Jesus Cristo.*¹⁶

O relato acima mostra como D. Adriano tem uma prática de identificação com a Baixada, que sofria de grande preconceito diante dos olhares de fora. Dialogando com esse fato retomo a análise de Hill, no capítulo *O norte e o oeste*, onde para os ingleses do século XVII, estes eram considerados pelos partidários do Parlamento como “os recantos obscuros do reino”¹⁷, assim como a Baixada Fluminense foi por muito tempo considerada um recanto obscuro no estado do Rio de Janeiro, onde sua população

¹⁵ Boletim 164 – set. 1982, pergunta 14

¹⁶ Entrevista Revista Vozes, fevereiro/1981, p.66.

¹⁷ HILL, C. O norte e o oeste. In: O Mundo de ponta-cabeça. Cia das Letras. P.87.

desprovida de investimentos nas áreas educacionais, saúde e infra-estrutura¹⁸, encontra na Igreja Católica um espaço de desenvolvimento pessoal e de formação política e intelectual, que permitiu forjar lideranças que construíram um movimento de bairros que conseguiu em plena ditadura militar melhorias do governo para a população iguaçuana. Nos anos 60, a fama da Baixada era marcada pela ação do esquadrão da morte, apresenta um desafio a D. Adriano. Essa conversão faz o prelado defender e denunciar os arbítrios contra “o seu Povo” sem medo das consequências.¹⁹

A primeira parte do texto, de Scott Mainwaring, *A Igreja Católica e o Movimento Popular: Nova Iguaçu – 1974/1985*, trata da relação entre a Igreja particular e o Movimento Amigos de Bairro (MAB), salientando que, no início, a organização era extremamente dependente da Igreja, tornando-se mais autônoma a partir da redemocratização. No texto duas razões são levantadas para essa mudança: primeiro, a dinâmica do processo social proporciona maior espaço de mobilização para os movimentos; segundo, porque D. Adriano e muitos outros líderes eclesiais fizeram a opção consciente de estimular a autonomia dos movimentos populares como uma forma de fortalecê-los, em preparação à fase em que se abrisse a participação dos não-católicos.

Segundo o autor, mesmo que exista um claro estímulo na autonomia dos movimentos, parece subsistir uma forte conexão entre os movimentos populares e a Igreja Católica. Por isso seria mais exato dizer que Igreja e movimento, em Nova Iguaçu, buscaram mais uma relação de autonomia do que afirmar que esta autonomia existia de uma forma absoluta. Tanto que a Igreja continuou a desempenhar papel importante no desenvolvimento do movimento de várias formas: na defesa frente ao aparato militar, no empréstimo do espaço das comunidades para reuniões, no fornecimento de apoio econômico e de infra-estrutura, além de proporcionar uma legitimidade moral que incentiva a participação das bases católicas.

Ainda de acordo com o texto de Scott Mainwaring, a chegada de D. Adriano Hypolito modifica substancialmente a rotina da Diocese, porque com o novo bispo

¹⁸ MAINWARING, Scott. P.210

¹⁹ Entrevista Revista Vozes, fevereiro/1981,p.66.

estreita-se a identificação da Igreja com as classes populares²⁰. Nesta análise, comparada a outras dioceses brasileiras, o autor caracteriza como fator chave para o sucesso do Movimento Amigos de Bairro - MAB a relação harmônica de trabalho desenvolvida entre alguns movimentos católicos e a esquerda marxista.

O texto de Percival Tavares, tese de mestrado apresentada ao Departamento de Educação da UFF²¹, aborda o aspecto pedagógico da luta social desenvolvido no interior do MAB. Ao recuperar a história do Movimento Amigo de Bairros (1974-1992), o autor tem o objetivo de analisar e compreender o processo político-educativo e educativo político e as relações de poder nele estabelecidas.

No capítulo *Ressurgimento do Movimento de Bairros em Nova Iguaçu*, o autor enfatiza seus principais atores e concepções, as lutas mais acirradas, seu grau de mobilização e de organização interna, antes que o MAB tenha se constituído em Federação²². É nesta parte que encontramos maior número de informações sobre a atuação de D. Adriano. Percival lista as principais mudanças ocorridas na Diocese, descrevendo como estas contribuíram para solidificar as novas perspectivas eclesiais trazidas pelo bispo e seus resultados práticos no cotidiano.

As mudanças substanciais começam em 1968, quando a primeira Assembléia Diocesana define as Comunidades Eclesiais de Base como prioridade para o trabalho pastoral, passando a estimular a organização dos clubes de mães e grupos de jovens, tentando aliar interpretações da Bíblia ligada à realidade social. Esse fator contribui para a organização coletiva já que a repressão imposta pela ditadura militar atingia diretamente os movimentos sociais.

Através do trabalho de Percival Tavares, percebemos que existe um acolhimento feito pelo bispo às lideranças políticas e de movimentos estudantis perseguidas pela ditadura, que com o Ato Institucional nº 5, promulgado em dezembro/1968, perdem o espaço de militância, segundo citação:

²⁰ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e o Movimento Popular: Nova Iguaçu – 1974/1985*. In: Mainwaring, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

²¹ SILVA, Percival Tavares da. “*Ressurgimento do Movimento de Bairros em Nova Iguaçu*.” In: **Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairros em Nova Iguaçu (MAB 1974/1992)**. Tese de Mestrado, Departamento de Educação UFF, 1993.

²² Idem, p. 25.

“(...) por isso muitas lideranças atuantes no movimento político nacional estavam nos bairros, algumas por questão de defesa mesmo, de não ter maior confronto com o regime militar. Outras porque ao sair da liderança dos movimentos de luta vieram morar aqui na Baixada Fluminense intelectuais inclusive”²³;

Os médicos sanitaristas Antônio Ivo de Carvalho e Anna Leonor de Carvalho, militantes do movimento universitário e membros do MR-8 que vão morar em Nova Iguaçu, após saírem da prisão, são exemplos desse processo.

Em 1974, esses médicos iniciam um trabalho de atendimento e cursos sobre saúde num posto médico em Cabuçu, bairro afastado do Centro. A partir da constatação de que essa prática seria insuficiente frente à falta de estrutura urbana dos bairros, passam a organizar a população na busca de melhorias locais, além dos serviços ambulatoriais. No ano seguinte, 1975, a Cáritas Diocesana, reconhecendo tal necessidade e disposta a incrementar a atuação médico-ambulatorial, contrata Antônio Ivo de Carvalho e Ana Leonor de Carvalho, e mais dois profissionais de saúde, para desenvolverem o Programa de Higiene Materno-Infantil. Dessa experiência surge o embrião que posteriormente será conhecido como MAB – Movimento Amigos de Bairros, que, segundo a pesquisa de Percival, é a resultante da intencionalidade dos médicos que são portadores de um projeto político definido, mas sem base, e da Igreja Católica, que tem base, mas sem um projeto político definido.

Até então, a única tentativa de organizar a população numa base permanente foi o MIC – Movimento de Integração Comunitária, criado pela Diocese em 1968. Esse movimento visava organizar os católicos para a obtenção de melhores serviços urbanos, mas em 1970 o Estado o dissolveu. Nesse mesmo ano, começam as reuniões da Comissão Bipartite²⁴, comissão formada por representantes do alto comando do Exército, intelectuais e bispos católicos com o objetivo de evitar conflitos mais latentes entre as duas mais organizadas instituições brasileiras durante o governo Médici. Será que há alguma relação entre esses fatos? Será que D. Adriano era um bispo que preocupava a “harmonia” da relação Igreja e Estado militarizado?

²³ (SILVA, 1992. p. 29, 31-32)

²⁴ SERBIN, K. Diálogos na sombra.

Em novembro de 1975, a diocese organizou a primeira discussão sobre saúde, liderada pelos quatro médicos. A partir do segundo encontro, em março de 1976, a Cáritas emitiu relatórios como um meio de tornar públicos os encontros e de disseminar idéias. Essa divulgação pode ter soado como uma ameaça aos olhos dos grupos que atuavam na Vila Militar, no Rio de Janeiro. A orientação básica era a seguinte:

“A solução dos problemas de saúde depende mais da união e decisão do povo do que da presença do médico. O ambulatório em si é importante, mas não basta para resolver os problemas de saúde. Por isso, todas as formas que o povo tem de se unir para refletir sobre seus problemas e que servem para aumentar sua consciência e união são importantes. As atividades meramente assistenciais, que não se preocupam em conscientizar, são deseducativas para o povo e não resolvem os problemas de saúde”.²⁵

Além dessa divulgação do encontro e das diretrizes, no mesmo ano, os médicos ministraram cursos em seis bairros, visitando geralmente grupos já estabelecidos, a maior parte deles ligados a diocese: círculos bíblicos, clubes de mães, grupos de jovens. Essas visitas geralmente fortaleciam as organizações existentes ou conduziam a novas organizações, porque segundo Mainwaring, “os médicos enfatizavam a conscientização das causas dos problemas de saúde em vez do tratamento médico”.²⁶

Analisando essas informações sobre o trabalho desenvolvido na diocese no ano de 1976, esses eventos parecem indicar os motivos pelos quais o bispo fora seqüestrado em setembro desse mesmo ano. Ora para os militares essa organização deveria ser vista como uma ameaça comunista, que deveria ser “neutralizada”, pois além de acolher e empregar comunistas ainda quer manipular o povo. Na concepção dos militares o povo deveria ser afastado desses comunistas. E na concepção da Igreja, esses homens e mulheres, apesar da opção política, ajudavam a construir na terra o reino de Deus e por isso deveriam estar no meio do povo.

Os anos se seguiram e o movimento cresceu durante os anos de 1976, 1977 e 1978, conseguindo manter uma coordenação entre os bairros. No seu décimo terceiro encontro, em março de 1978, frente a essa expansão, o movimento votou pela criação de

²⁵ Mainwaring, 1989, p.214.

²⁶ *Idem.*

uma comissão coordenadora. Na análise de Mainwaring, o estabelecimento de uma hierarquia permitiu a expansão do movimento, para além das necessidades materiais isoladas, para um movimento de massas com horizontes políticos mais amplos. Consolidando essa “evolução” foi a confecção do jornal do movimento que não abordava somente os problemas de saúde. Esses fatores contribuíram para que o MAB entrasse num período de consolidação e de rápido crescimento.²⁷

Com a articulação que envolvia representantes de dezoito bairros, o MAB, coordenou esforços para um projeto mais coeso, capaz de pressionar o Estado a ser mais receptivo às necessidades da população. Uma serie de eventos foram descritos pelo autor para mostrar o descaso da Prefeitura com as iniciativas do movimento, tais como: não recebimento de petições com mais de 1500 assinaturas alegando que só receberia reivindicações daqueles que estivessem com o imposto predial pago; não comparecimento do prefeito Chagas Freitas, do PDS, a encontros previamente marcados nos bairros sem aviso prévio. Em resposta foram organizados comunicados a alguns vereadores protestando contra a postura do poder local, mobilização da imprensa e organização de assembléias. Essas estratégias obrigaram uma mudança de postura dos líderes políticos do executivo iguaçuano. Como analisa o autor:

“O dinamismo do MAB criou um novo problema para uma administração municipal habituada a ignorar as reivindicações populares. Durante as fases iniciais do MAB, a prefeitura encabeçada por uma ala do PDS, tratou os líderes do MAB com desprezo. Várias vezes os participantes (...) foram convocados para reuniões com um representante municipal num determinado local e hora, contudo, quando lá compareciam, descobriam que esse oficial estava engajado num compromisso em outro lugar. Após ter concordado em conceder audiências bimestrais para ouvir as reivindicações da população, a prefeitura tentou romper esse compromisso.

O MAB utilizou o caso da prefeitura como um meio para deslegitimar o governo municipal. O movimento tornava publicas as reiteradas falhas do governo em cumprir com suas promessas, seu desrespeito pelos participantes do MAB, os escândalos financeiros que cercavam a administração e suas falhas no

²⁷ *Idem p.215.*

atendimento às necessidades da população local. Em resposta a essas falhas, o MAB organizou uma segunda assembléia importante no dia 15 de julho de 1979. A assembléia contou com três mil participantes, representando sessenta bairros. A importância do movimento tornava-se visível através da publicidade que a assembléia recebia e através da presença de importantes figuras políticas, inclusive o senador Roberto Saturnino Braga. A assembléia também teve êxito a obrigar a administração a concordar com os encontros semanais com representantes de diferentes bairros. O MAB, agora o movimento popular mais importante de Nova Iguaçu, ingressara numa nova fase, de maior maturidade.”²⁸

As mudanças ocorridas no movimento foram acompanhadas de perto pelas lideranças religiosas. Como já dito acima, a relação entre o MAB e a Diocese de Nova Iguaçu era de relativa autonomia, pois as estruturas imóveis e de consumo continuaram sendo usadas pelos representantes do movimento. Além do incentivo à participação de leigos feito pelos padres progressistas que vinculavam uma leitura da bíblia aliada a justiça social. Soma-se a estratégia de divulgação da conjuntura da época os periódicos eclesiais *A Folha* e o *Boletim Diocesano*, ambos publicavam textos escritos por D. Adriano Hypolito. Em artigo comemorativo aos quase 22 anos da *Folha*, D. Adriano escreve que “*inicialmente A Folha queria ser um instrumento de comunicação interna da Diocese de Nova Iguaçu. Aos poucos foi assumindo uma dimensão pastoral conscientizadora a partir da Liturgia e das linhas pastorais de nossa Diocese*”.²⁹

Analisando os eventos mais significativos no processo de “amadurecimento” do MAB somando a estreita relação com a Diocese e o explícito apoio de D. Adriano, percebi que os anos de maior impacto social do movimento coincidem com os anos dos eventos de violência sofridos pelo bispo – o seqüestro em 1976; e falsificação da *Folha* e explosão de bomba no altar da Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, em 1979.

A revolta do MAB dentro da “Revolução” – para os militares – incentivada e apoiada diretamente por D. Adriano, renderam-lhe o estereótipo de comunista porque ao conseguir desestabilizar o governo local, um dos braços do regime, poderia ser visto como uma ameaça ao *status quo* da ditadura. Entretanto, através do cenário descrito é

²⁸ Ibidem p.215-216.

²⁹ <http://domadriano.mitrani.org.br/folha/historia.pdf>, acessado em 15 de novembro de 2010.

possível perceber que as ações do bispo, como o acolhimento a lideranças populares, na defesa dos direitos humanos, estão em harmonia com as diretrizes da Igreja de Roma, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que anuncia em seu título a principal orientação: *“Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta tal como é e quer ser: a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos Pobres”*³⁰, de Medellín e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, instituição permanente que congrega os bispos da Igreja Católica no país. Como afirma o próprio D. Adriano, sua atuação em relação ao movimento era *“(...) o compromisso evangélico de fazer uma opção preferencial pelos pobres. Então, como vamos realizar essa opção? Não basta simplesmente falar e rezar. Como cristão e como pastor, sinto que tenho o dever de apoiar movimentos que trabalham para o bem do povo.”*³¹

Além de apoiar os movimentos, o prelado não se furta a dar sua opinião sobre a conjuntura política local. Como descreve o trecho a seguir: *“aproximadamente um ano e meio antes de ser seqüestrado por um grupo paramilitar, que o levou para a Vila Militar, onde foi torturado, o bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, declarava que, salvo exceções, a imagem dos políticos da região era marcada pela mediocridade, incapacidade, puxa-saquismo e primarismo.”*³²

Concluindo utilizamos a afirmação do historiador Christopher Hill, para quem:

“A história precisa ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não mude, o presente se modifica; cada geração, formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras.”³³

A releitura do texto de Scott Mainwaring se insere no esforço de reescrever a história formulando novas perguntas ao passado. Utilizando como base a articulação

³⁰ Santana, 2004, p.43-44

³¹ Idem, p. 87.

³² ALVES, 2003, p.106

³³ Hill, 1987. p.32

dos textos de Hill e Ginzburg, percebemos que D. Adriano não pensa em romper com estrutura hierárquica da Igreja, pois percebe que sua atuação só tem sentido dentro do mistério da unidade com o Vaticano e que não importa a corrente política dos acolhidos; importa que estes querem contribuir para melhorar a vida do povo da Baixada. Essa expectativa dos militantes de esquerda vem de encontro com a linha teológica de uma leitura bíblica a partir da realidade social tentando construir o Reino de Deus na terra, para chegar o mais próximo do que as Escrituras prometem como o Reino dos Céus. Contudo, algumas perguntas serão respondidas em pesquisa futura onde investigaremos a formação intelectual de D. Adriano, elencaremos dentro da Diocese quem eram seus parceiros e aqueles que eram contrários a opção pastoral praticada, como se dava a oposição. Enfim, ainda há muitas perguntas a serem feitas ao passado.

Bibliografia:

- ALVES, José Cláudio de Souza. **Dos Barões ao Extermínio: uma historia da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ:APPH, CLIO, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 2006: 20
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. RJ, Bertrand Brasil, 1989.
- HILL, Cristopher. **O mundo de ponta-cabeça. Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- MAINWARING, Scott. *“A Igreja Católica e o movimento popular: Nova Iguaçu 1974/1985”* In: **Igreja Católica e Política no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. SP, Kairós, 1979.
- SANTANA, Maristela. **Uma Aposta em Duas Opções: A diretriz formal da Igreja Católica Latino-americana – A “Opção pelos Pobres” por duas vias – Teologia da Libertação e Missionárias da Caridade (1962-1986)**. Tese de Mestrado, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. tradução: Carlos Eduardo Lins da Silva, Companhia das Letras: São Paulo, 2001
- SILVA, Percival T. da. **Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairros em Nova Iguaçu (MAB 1974/1992)**. Tese de Mestrado, Departamento de Educação UFF, 1993.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/FAPERJ, 2002.